

Teatro em 1994

Onze originais de teatro, foram os que Maria Helena Serôdio inventariou em 1993, excluindo reedições, traduções e estudos. Em 1994, doze foram os títulos que recolhi nessa área. Se há crise, como há tanto tempo se vem dizendo, no campo da edição, aparentemente essa crise não existe no que se refere à edição teatral. Na realidade, o asserto é duvidoso: publicar uma dúzia de títulos durante um ano não é sintoma de crise, é prova de que estamos a viver um tempo de sobrevivência, como se a edição nessa área ainda não existisse ou já tivesse quase deixado de existir. Em termos esquemáticos, podemos considerar duas vertentes principais na dramaturgia portuguesa: aquela na qual os autores revelam maiores preocupações com os valores literários das suas obras e aquela que reflecte mais preocupações com os valores teatrais dessas mesmas obras. No que se refere a esta segunda são os dramaturgos mais vinculados à prática teatral que revelam essas preocupações, caso de actores e encenadores que praticam a escrita teatral. No que se refere aos valores literários, os que mais se preocupam (embora também se interessem pelos valores teatrais) são aqueles que se situam à margem da actividade teatral, os escritores.

Um texto em que essas preocupações pelos valores literários parecem evidentes, é

Clamor, de Luísa Costa Gomes (1), obra escrita para imediata representação, como se verificou, sob a responsabilidade de Ricardo Pais, no Teatro Nacional D. Maria II, tendo como base a figura do P. António Vieira. Conta a aurora que o texto publicado é uma terceira versão, tendo sido a primeira versão, «bastante mais longa», trabalhada em conjunto por ela e pelo encenador. Este pormenor revela de como Luísa Costa Gomes entende a escrita teatral como podendo ser da responsabilidade de um colectivo que não pode deixar de ter em conta os valores cénicos referidos sem por isso minimizar os valores literários que são também a marca de um teatro que recusa a pura circunstancialidade do palco.

Ainda neste capítulo, assinala-se a transformação, em termos gráficos da colecção «Reportório da SPA» que publicou duas séries num total de dezanove volumes. A partir do 20.º volume, a colecção passou a ser co-editada pela SPA e por Publicações Dom Quixote, agora responsável pela distribuição, o que poderá garantir a difusão de que a colocação não dispunha. Os volumes desta terceira série são publicados em formato maior e com mais vistoso aparato gráfico. Dos três volumes de inéditos publicados, distingue-se uma peça de Ferreira de Castro, *Sim, Uma Dúvida Basta*, peça em 3 ac-

tos cuja representação nos anos 30 foi proibida pela censura apesar de se tratar de uma encomenda da C.ª Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Nesta peça, Ferreira de Castro dramatiza uma história que correu mundo por essa época, a do rapto do filho, ainda criança, do célebre aviador Charles Lindberg. Ferreira de Castro questiona um tema agora em foco, o da pena de morte, a partir da dúvida que se levanta a propósito da condenação do suposto autor do rapto. É bem possível que a peça pareça hoje mais interessante como possível guião para um teledramático sem por isso deixar de revelar virtualidades teatrais a ter em conta (2).

De propósito para a televisão, onde já foi apresentado, o guião (mas mais do que isso) de Luís Francisco Rebello intitulado *Todo o Amor é Amor de Perdição* (3). Também neste caso deparamos com problemas de carácter jurídico, o do caso de adultério de Camilo e Ana Augusta Plácido. Saliente-se neste trabalho o assento fortemente dialógico do texto e a veracidade das personagens criadas pelo autor.

Trapo de Luxo, peça de Costa Ferreira, foi representada pela companhia do Teatro Nacional, nos anos 50 (4). Podemos inscrevê-la numa área da dramaturgia portuguesa que tem no módulo familiar a sua mais decisiva razão de ser. Encontramos, nesta

área, autores como Carlos Selvagem, Luiz Francisco Rebello, João Gaspar Simões entre muitos outros, que foram buscar às raízes da dramaturgia europeia a tragédia grega, essa célula familiar, a partir da qual todas as tragédias, todos os dramas e também todas as comédias são possíveis. A peça de Costa Ferreira denuncia sem peias a hipocrisia de uma certa camada da sociedade ao mesmo tempo que louva a coragem daqueles que lutam contra essa hipocrisia, o que explica talvez o desinteresse manifestado pelo público do Teatro Nacional.

Volume comemorativo dos vinte anos do 25 de Abril, Luiz Francisco Rebello incluiu nesta colecção uma antologia de textos em um acto, justamente intitulada *Dramaturgia de Abril* (5), com a inclusão de alguns dos principais dramaturgos contemporâneos. O facto de ter prefaciado este volume impede-me de tecer outras considerações.

Norberto Ávila é um dos nossos autores com produção regular, o que 1994 confirmou com o original *Os Doze Mandamentos*, comédia espiritual, escrita por convite do Teatro de Portalegre. Trata-se de uma abordagem irónica, como o título sublinha, da mania das seitas, mania, aliás, não tão inocente como isso. Peça escrita cuidada e rigorosa, como é timbre do autor, embora acaba por se revelar frágil como obra teatral (6).

J. J. Magalhães dos Santos, escritor e pedagogo, antigo amador teatral, publicou à sua custa duas peças incluídas num mesmo volume: *Os Liútos e Molière em Tribunal*, com prefácio de J. Santos Simões (7). A primeira peça é uma glosa bem humorada e bem escrita, com um tónus político bastante forte, da conhecida história do rei que vai em camisa, outra maneira de dizer que o rei vai nu. Eis um texto que bem merecia o palco. *Molière em Tribunal* consiste numa extensa, como o autor reconhece, montagem de cenas de peças de Molière, julgamento de um autor e criador que questiona a sociedade do seu tempo. Trata-se da tentativa, com algumas características didácticas, de dar a conhecer a obra de Molière, ou algumas facetas dessa obra.

Comédia psicológica chamou o actor Carlos Macedo Lacerda ao seu acto *Quem Teria Escondido Aquilo?*, prefácio de Norberto Barroca (8). Lugar e personagens inesperadas: uma biblioteca do Vaticano e dois guardas suíços, filhos de emigrantes portugueses. Um deles procura algo nos livros e ao mesmo tempo cita frases e dialoga com o outro. A surpresa do objecto encontrado faz parte do inesperado deste jogo teatral, que acaba por se revelar decepcionante.

Teresa Rita Lopes editou na colecção «De Viva Voz» *Rimance da Mal Maridada*, a que juntou a reedição de um dos seus melhores textos dramáticos, *Sopinhas de Mel* (9). Trata-se da história decantada de um amor por si mesmo traído, um texto bonito, de mais provável leitura do que encenação.

Também à leitura tradicional se prende a peça de Júlia Nery, *O Plantador de Naus a Haver*, narrativa dramática em três actos, tentativa, talvez excessivamente longa, de biografar a figura de D. Dinis, do nascimento à morte, com as suas aventuras amorosas, as suas relações com D. Isabel, a sua actividade poética, a sua prática polí-

tica (10). É um texto que merecia a experiência do palco, único processo de testar as potencialidades que a mera leitura deixa entrever.

Da diáspora, um volume publicado em França com duas peças de Laureano Carreira, autor de «*O Teatro e a Censura em Portugal na Segunda Metade do Século XVIII*» (1983). O volume inclui: *Até ao Fim do Mundo e Meio Século*, *Três Noites e um Bilhar*, que o Autor designa como panfleto teatral (11).

Também no caso da primeira peça a evocação de um tema histórico, aliás, o mais procurado talvez dos temas da nossa História: os amores de Pedro e Inês. Nesta versão, ao contrário do que acontece na tragédia de António Ferreira, os dois amantes surgem juntos em grande parte das cenas. Numa linguagem que não escapa aos estereótipos («Neste belo país onde o céu é azul, há homens que têm o coração negro»), Laureano Carreira prolonga a história de D. Pedro que reencontra Inês nas mulheres com quem tem relações. É na coroação de Inês de Castro que a peça termina. Não me parece que esta reescrita do mito de Pedro e Inês venha enriquecer, tanto sob o ponto de vista literário como teatral, o nosso conhecimento desse mito. Na peça em um acto que fecha o volume, um homem, um escritor, jornalista, festeja meio século de vida, sozinho, enquanto os amigos que convidou se divertem noutra parte da casa. No seu monólogo, a personagem evoca os desastres da Pátria, a guerra colonial, a traição ao 25 de Abril, mas também os desastres das ideologias («sempre fiz parte dos anticomunistas primários»), ao mesmo tempo que se vê atribuir a Prémio Nobel (ou será uma brincadeira do 1.º de Abril, como ele diz?) De qualquer maneira, não é para tomar a sério.

Por fim, neste capítulo, a anual incursão de Vicente Sanches que manda de Castelo Branco o volume de capa branca, título a vermelho,

edição do autor, com três textos: *Promissão do Quinto Império*, que dá o título ao volume, *Metáfora* e *A Casa Assombrada* (12).

Na primeira e mais extensa das três peças, Vicente Sanches volta a um tema pelo qual tem especial afeição: o da Morte. Trata-se desta vez da história, em forma de aforismo, de um homem de trinta anos «condenado à morte por um cancro incurável». Tema que o Autor trata com aquela ironia ou aquele humor negro que ajudam a definir o seu teatro. Aqui o tom assume a sua maior dimensão quando a personagem — o homem que está a morrer — se transforma num D. Sebastião. Daí ao milagre da cura é apenas um passo que Vicente Sanches transpõe alegremente.

Metáfora, segunda peça do volume, é um microtexto, outra vez a morte e a proposta do morto para que um amigo ilusionista faça desaparecer o cadáver. Apenas uma anedota com graça.

Por fim, *A Casa Assombrada*, nova versão em um acto de uma peça publicada em 1970, esta em três actos e que o autor considera suprimida por esta nova versão.

No que se refere aos clássicos saudemos a edição do *Teatro*, de António Ribeiro Chiado, que inclui os autos e práticas deste autor do século XVI, mencionado por Camões e Jorge Ferreira de Vasconcelos. O volume inclui: *Auto da Natural Invenção* / *Auto das Regateiras* / *Prática dos Compadres* / *Prática d'Oito Feguras*. Ainda uma excelente introdução da responsabilidade dos organizadores da edição, Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz (13).

O teatro do Chiado, autor tão popular que fixou para sempre (tudo é relativo) uma área lisboeta de edição, a não ser que fosse o contrário, popularidade bem merecida porque a sua obra conserva um sentido do cómico e da crítica, em certos casos, como dizem os organizadores, que citam Sabugosa, lembrando

(influenciando?) a chamada revista à portuguesa.

Citarei por fim uma outra reedição, esta de um autor dos nossos dias. Trata-se da peça de Álvaro de Oliveira, *Manuel Seis Vezes Pensei em Ti*, poema da solidão e do longe, da ilha perdida e da terra reencontrada (14). «Pensar na ilha é perder / a força de a cantar» — talvez nestes dois versos encontremos o segredo de uma peça, teatralmente frágil mas com a sua razão de ser.

Na área de originais traduzidos, apenas dois — *Oleanna*, de David Mamet (15), e *Pintassilgo e Pimpinela*, do austriaco Arthur Schnitzler (16). *Oleanna* aborda e questiona um tema actual e (cada vez mais) controverso, que se define pela designação do «politicamente correcto». O drama ilustra o que pode haver de incorrecto, de inaceitável a propósito do caso de uma aluna universitária que acusa o seu professor de assédio sexual. Apesar da distância, também a peça de Schnitzler, a que foi dado para efeitos de representação um título bem diferente, *Os Jornalistas*, conserva evidente actualidade. Tanto num caso como noutro, sublinhe-se o cuidado das respectivas traduções, o que parece significativo de uma grande diferença em relação ao que se passava nesse campo.

Em menor número os estudos sobre teatro publicados em 1994. Parece-me justo salientar a obra de Mário Moreau, *Coliseu de Recreios / Um Século de História*, um grosso volume muito ilustrado a preto e branco embora nem sempre com fotografias de qualidade (17).

O material documental e outro que o volume de Moreau acarreta não é apenas resultado de um trabalho árduo e muito sério, como virá a contribuir para um cada vez maior alargamento da nossa visão da prática teatral, aqui proventura mais ligado ao teatro musical, ópera e opereta.

No entanto, a obra mais

interessante como procura de uma temática diferenciada ficou a dever-se a Fernando António Almeida, com o título, *Operários de Lisboa na Vila e no Teatro (1845-1870)*, trabalho final do mestrado em Cultura e Literatura Portuguesas Contemporâneas ⁽¹⁸⁾. A parte que diz respeito ao Teatro (a 3.ª) abrange territórios como o reportório no que se refere ao papel do operário, os lugares da representação, influência francesa, o público, a recepção da crítica, etc. O estudo de Fernando António Almeida abre caminhos para investigações mais amplas e profundas para o conhecimento das relações do teatro português não apenas com públicos diferenciados mas como também com aqueles que foram os seus criadores (autores, encenadores, actores). O facto do estudo não abranger mais do que um quarto do século passado, aliás, de acordo com o projecto académico do autor, é inibitório de um mais vasto conhecimento do assunto em causa. Quem sabe se Fernando A. Almeida não poderá consagrar-se a essa tarefa, aliás, nada fácil?

Num campo perfeitamente distinto, assinalamos um livro de Henrique Santana, autor, encenador, actor dedicado em especial ao teatro dito ligeiro (*boulevard* e revista), com o título, *A Gaveta dos Manguitos*, e o subtítulo, *12 Badaladas de Bom-Humor e Mal-Dizer* ⁽¹⁹⁾. Os títulos dizem tudo sobre uma obra que não se quer pretenciosa mas revela um autor capaz de ter graça e ao mesmo tempo dizer coisas sérias. Por vezes as coisas sérias têm graça e as graças são mais a sério do que parecem, mas isso faz parte do jogo dos cómicos. Para quem estivesse à espera das memórias de uma figura importante de uma determinada área do teatro português, o livro decepciona, mas decepciona também quem esteja à espera de um livro de anedotas.

Luiz Francisco Rebello publicou *Fragmentos de uma Dramaturgia* ⁽²⁰⁾, recolha de

textos publicados entre 1971 e 1980, com excepção de um deles, um ensaio sobre Almeida que permanecia inédito. O volume inclui vinte e cinco textos, entre o estudo mais atento e lúcido aos valores múltiplos do autor em causa (Gomes de Amorim, D. João da Câmara, Raúl Brandão, entre outros) e o artigo mais circunstancial (Victoriano Braga, Carlos Selvagem, por exemplo). Trata-se de um volume de leitura indispensável para quem estiver interessado em reconhecer as pistas históricas da dramaturgia portuguesa dos séculos XIX e XX.

Citemos ainda a edição fac-similada do *Dicionário do Teatro Português*, de Sousa Bastos, obra há muito esgotada e de consulta obrigatória. Ficamos a devê-la ao prof. José Oliveira Barata e ao Instituto Jorge de Faria, de que é director ⁽²¹⁾.

Expressão Dramática e Teatro é o título de uma obra de dois especialistas (Jean Claude Landier e Gisèle Barret), edição que ilustra o facto de algumas coisas estarem felizmente a mudar no capítulo essencial da pedagogia, no que se refere à área do Teatro. Tradução de Mário Pinto de uma obra essencialmente prática ⁽²²⁾.

Ainda no capítulo dos estudos teatrais, referências obrigatórias, embora sem rigor de datas, ao artigo publicado por Idalina Aguiar de Melo incluído no volume *Portugal: Um Retrato Singular*, organização de Boaventura Sousa Santos ⁽²³⁾. Título elucidativo do texto: «Estratégias de Importação da «Alta Cultura»: o caso do Teatro Alemão representado em Portugal (1974-1980)».

As referências ao teatro disseminadas por Eduarda Dionísio, no tom polémico que a distingue, na obra *«Títulos, Acções, Obrigações» sobre a Cultura em Portugal 1974-1994* ⁽²⁴⁾.

Maria Helena Serôdio voltou a Shakespeare coincidentemente com um projecto de Carlos Avelaz, no Teatro Nacional D. Maria II, a es-

trear dentro de dias. Refiro-me à peça *Ricardo II*, das menos conhecidas entre nós, embora seja das mais controversas ⁽²⁵⁾. Maria Helena Serôdio publicou na *Revista da Faculdade de Letras* o artigo «Encenar o Poder/Rever a História: Para uma leitura crítica de Richard II, de W. Shakespeare, excelente introdução ao texto, e por consequência ao espectáculo anunciado.

Deixei para o fim aquele que foi o projecto mais original e interessante, também mais significativo do ano, no capítulo teatral. Trata-se da monografia dedicada à actividade do grupo «O Bando», comemorativa do seu vigésimo aniversário. À singularidade artística do grupo dirigido por João Brites correspondeu a abordagem múltipla da sua prática e da sua teórica, numa obra não só diferente sob o ponto de vista gráfico, como rica e mesmo polémica, pelo número dos seus colaboradores, pelo modo como, na sua maioria, percorreram a história do grupo que é muito a história do teatro português pós-25 de Abril ⁽²⁶⁾. ▼

Notas:

(1) Luísa Costa Gomes — *Clamor* — Ed. Livros Cotovia/T.N. D. Maria II/Lisboa.

(2) Ferreira de Castro — *Sim, Uma Dúvida Basta* — Ed. SPA/Publicações Dom Quixote-Lisboa.

(3) Luiz Francisco Rebello — *Toda o Amor É Amor de Perdição* — SPA/Publicações Dom Quixote — Lisboa.

(4) Costa Ferreira — *Trapa de Luxo* — Ed. SPA/Publicações Dom Quixote — Lisboa.

(5) Bernardo Santareno/Hélder Costa/José Gomes Ferreira/Carlos Couvinho/Jaime Salazar Sampaio/Luiz Francisco Rebello/Mário de Carvalho/Virgílio Martinho — *Dramaturgia de Abril* — Pref. de Carlos Porto — Ed. SPA/Publicações Dom Quixote — Lisboa.

(6) Norberto Ávila — *Os Doze Mandamentos* — Col. Gaivota/77 — Ed. Direcção Regional dos Assuntos Culturais/Secretaria Regional da Educação e Cultura — Angra do Heroísmo.

(7) J. J. Magalhães dos Santos — *Os Liúas* (ou «O Rei em Camisa») / *Molière em Portugal* — Pref. J. Santos Simões — Ed. do Autor.

(8) Carlos Macedo-Lacerda — *Quem Teria Escondido Aquilo?* Pref. de Norberto Barroca — Ed. do Autor.

(9) Teresa Rita Lopes — *Teatro I — Romance da Mal-Maridada / Sapiências de Mel* — Ed. De Viva Voz — Lisboa.

(10) Júlia Nery — *O Plantador de Naus a Haver* — Col. Teatro — Ed. Asa — Lisboa.

(11) Laureano Carreira — *Até ao Fim do Mundo/Melo Século, Três Noites e Um Bilhar* — Ed. ACAP 77 — Dammaric-Les-Lys-França.

(12) Vicente Sanchez — *Promissão do Quinto Império* — Ed. do Autor — Castelo Branco.

(13) António Ribeiro Chiado — *Teatro* — Col. Clássicos da Cultura Portuguesa — Org./Pref. — Cleonice Berardinelli/Ronaldo Menezes — Ed. Lello & Irmão — Porto.

(14) Álvaro Oliveira — *Manuel Seis vezes Pensei em Ti* — 2.ª Ed. — Col. Teatro — Ed. *Jornal de Cultura* — Ponta Delgada.

(15) David Mamet — *Oleanna* — Trad. Vera San Payo de Lemos/João Lourenço — Ed. Colibri — Lisboa.

(16) Arthur Schnitzler — *Pintassilgo e Pimpineta* — Trad. Anabela Mendes — Ed. Livros Cotovia/T. N. D. Maria II — Lisboa.

(17) Mário Moreau — *Coliseu das Recreias/Um Século de História* — Ed. Quetzal — Lisboa.

(18) Fernando António Almeida — *Operários de Lisboa na Vida e no Teatro (1845-1870)* — Col. Universitária — Ed. Caminho — Lisboa.

(19) Henrique Santana — *A Gaveta dos Manguitos* — Ed. A P — Imagem & Comunicação — Lisboa.

(20) Luiz Francisco Rebello — *Fragmentos de uma Dramaturgia* — Col. Temas Portugueses — Ed. Imprensa Nacional/Casa da Moeda — Lisboa.

(21) Sousa Bastos — *Dicionário do Teatro Português* (fac-símile) — Dir. José Oliveira Barata — Ed. Minerva/Sala Jorge de Faria — Coimbra.

(22) Jean-Claude Landier/Gisèle Barret — *Expressão Dramática e Teatro*, Col. Práticas Pedagógicas — Ed. Asa — Lisboa.

(23) *Portugal: Um Retrato Singular* — Org. Boaventura Sousa Santos — Ed. Afrontamento — Porto.

(24) Eduarda Dionísio — *Títulos, Acções, Obrigações* — Ed. Salamandra — Lisboa.

(25) Maria Helena Serôdio — *Encenar o Poder/Rever a História: para uma leitura crítica de Richard II, de W. Shakespeare* — Rev. Faculdade de Letras.

(26) «O Bando» — Monografia de um grupo de Teatro no seu vigésimo aniversário — Ed. O Bando — Lisboa.